

Desenhando o Urbano: Legado das Olimpíadas Rio 2016 na Barra da Tijuca

Renata Latuf de Oliveira Sanchez
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Universidade de São Paulo

Abstract

Em 2016, a cidade do Rio de Janeiro sediou a XXXI Olimpíada, cujo impacto em termos de transformações urbanas e arquitetônicas tem sido objeto de estudos científicos em diversas áreas. No entanto, a revisão bibliográfica sobre legado olímpico aponta que pouco tem sido estudado em termos de Desenho Urbano, sendo o legado comumente analisado em termos econômicos, políticos, ambientais ou por uma perspectiva de macroplanejamento urbano. A partir desta lacuna, procura-se compreender as consequências das estratégias de desenho urbano adotadas em dois projetos: o Parque Olímpico e a Vila dos Atletas, localizados na Barra da Tijuca. As análises visam avaliar como o legado desses projetos se relaciona com o ambiente urbano e a cidade. Como metodologia, optou-se pela análise comparativa com os Jogos Olímpicos de Londres 2012, bem como com os parâmetros de projeto urbano atualmente recomendados pela literatura da área. Para tanto, avaliam-se os seguintes aspectos: i. participação da população; ii. metodologia de seleção dos projetos de desenho urbano; iii. relação entre o estado da arte das teorias urbanísticas e os projetos executados; iv. relação com a cidade; e v. relação entre poder público e privado na realização dos projetos. Parte-se da hipótese de que a alteração no masterplan de legado do Parque Olímpico da Barra da Tijuca, ao ceder às exigências dos agentes imobiliários incluindo transformações em parâmetros urbanísticos edílios na legislação, sem um plano local de desenho urbano, restringe as possibilidades de as Olimpíadas de 2016

deixarem um legado original em relação ao Desenho Urbano no Brasil.

Introdução

A presente pesquisa, objeto da tese defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em dezembro de 2019, parte de um problema de escala global: o legado urbanístico de estruturas olímpicas para suas cidades-sede. Com a transformação das Olimpíadas em um megaevento globalizado, governos passaram a utilizá-las como uma oportunidade de promoção de suas cidades e atração de investimentos para grandes transformações urbanas, incluindo obras de infraestrutura e arquitetura icônica. O Rio de Janeiro, sede dos Jogos de 2016, adotou posição similar, realizando uma série de intervenções na cidade com grandes reflexos para a vida urbana pós-Jogos, isto é, o legado urbano. Dentre elas, destacam-se as obras na região Barra da Tijuca, abrangendo o Parque dos Atletas, Vila dos Atletas e Parque Olímpico, pela magnitude dos investimentos necessários, sua escala e transformações incorridas após os Jogos. Em especial, a construção do Parque Olímpico e a proposta de sua conversão em bairro distingue-se como principal objeto de estudo, sendo seu masterplan de legado importante exemplo de como o Desenho Urbano brasileiro estava dialogando naquele momento com a disciplina em âmbito internacional, propondo uma prática urbanística divergente daquela implementada na Barra da Tijuca como um todo (por exemplo), em busca de um modelo de cidade mais heterogêneo, vibrante e menos prejudicial ao meio ambiente.

Estudando-se cidades-sedes anteriores, constata-se poucos exemplos de Parques

Olímpicos que se configuraram como legados positivos em suas cidades, dentre os quais se podem citar os parques de Munique, sede em 1972, e Seul, sede em 1988; inversamente, muitas estruturas olímpicas de grande porte acabam por se tornar fardos para suas cidades-sedes após o megaevento, por não condizerem com as demandas locais e cotidianas, além de representarem rupturas no tecido urbano por sua escala incompatível com outros usos, como residenciais, por exemplo, geralmente integrados em formas urbanas mais tradicionais.

Tal realidade, somada aos custos exacerbados, dívidas e incertezas quanto ao efetivo retorno financeiro dos Jogos para a cidade tem causado uma queda do interesse em sediar os Jogos, levando o Comitê Olímpico Internacional a rever suas demandas e processo de candidatura, incorporando princípios de “sustentabilidade” para maximizar o legado urbano. O legado do Parque Olímpico de Londres alinha-se a esse momento: propôs-se sua urbanização pela conversão de espaços vazios e terrenos de arenas temporárias em bairros de uso misto, alinhados às estratégias de Desenho Urbano praticadas na Europa. Tal processo ainda se desenrola na capital londrina, sendo o parque um grande símbolo para a regeneração urbana de East London. Observa-se que o bom resultado da conversão desses espaços em urbanidades plenas e integradas à cidade depende de um bom Desenho Urbano, que, por meio da forma construída e em conjunto às dinâmicas urbanas (espaciais, econômicas e sociais) existentes, seja capaz de influenciar usos sociais diversos após o evento.

O masterplan de legado do Parque Olímpico do Rio de Janeiro, de autoria da AECOM e do brasileiro Daniel Gusmão, escolhido em concurso de projeto em 2011, apoia-se na estratégia de Londres, e será levado à cabo pelo consórcio Rio Mais, formado pelas construtoras Odebrecht, Andrade Gutierrez e Carvalho Hosken, que numa parceria público privada construiu a infraestrutura para os Jogos e, em contrapartida, recebeu os terrenos para futuro desenvolvimento imobiliário. Entretanto, o plano de alinhamento aprovado para o local difere do masterplan vencedor, e, em conjunto à flexibilização na legislação urbanística municipal ao longo dos anos, que alterou parâmetros construtivos na região em prol das construtoras sem um plano local de Desenho Urbano, e a uma ideia de urbano datada já difundida e concretizada historicamente pelas construtoras na Barra da Tijuca, de modo geral, permite a consolidação de um modelo urbano

excludente, homogêneo e insustentável – em termos ambientais e sociais –, restringindo a possibilidade de as Olimpíadas de 2016 deixarem um legado original em relação ao Desenho Urbano e ao urbanismo.

Assim, objetiva-se uma análise crítica do legado decorrente do Desenho Urbano aplicado na região Barra da Tijuca, para as Olimpíadas do Rio de Janeiro de 2016.

Desenho Urbano, aqui, entendido de acordo com Alexander Cuthbert (2003), Alex Krieger (2003) e Richard Marshall (2009) não só como prática projetual de determinada escala, comumente associado a um intermediário entre arquitetura e urbanismo, mas como campo disciplinar e forma holística de análise, que compreende tanto teoria quanto prática, pensamento e práxis. Aproxima-se, neste sentido, do entendimento de cidade por Henri Lefebvre, que a define como “realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico”, e de urbano, como “realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento”, que não pode dispensar uma base prático-sensível e uma morfologia. Assim, apoia-se na concepção de Desenho Urbano como prática social e, neste sentido, esta tese o entende tanto como processo quanto prática/projeto, na ideia de uma reciprocidade entre forma urbana e realidade social, um imprimindo no outro suas características, e definindo-se mutuamente. Ainda nesta esteira, utiliza-se o conceito de Manuel Castells, para quem o desenho urbano seria “a tentativa simbólica de expressar um significado de urbano aceito em certas formas urbanas” (tradução nossa, CASTELLS, 2003, p.25).

Metodologicamente, analisam-se os projetos olímpicos selecionados da Barra da Tijuca a partir de critérios de Desenho Urbano derivados de uma ampla revisão de literatura da área, também nesta dualidade entre processo e prática. Assim, para o primeiro, avaliam-se: i. participação da população; ii. metodologia de seleção dos projetos de desenho urbano; iii. relação entre o estado da arte das teorias urbanísticas e os projetos executados; iv. relação com a cidade; e v. relação entre poder público e privado na realização dos projetos. Para o segundo, a partir de uma pré-seleção de critérios do ambiente construído recorrentes na literatura como encorajadores de um bom Desenho Urbano, observam-se: qualidade do ambiente construído - espaços públicos / áreas verdes;

escala; uso misto; acessibilidade; permanência de usuários e interação de usuários no nível da rua/térreo. Emprega-se a investigação comportamental de espaços urbanos, instrumentalizada principalmente por meio da observação sistematizada dos objetos de estudo (Parque Olímpico, Vila dos Atletas e Parque dos Atletas) e suas características, conforme métodos utilizados por Gehl (2013) em seu livro “How to Study Public Life” e quatro temáticas de investigação descritas por Del Rio (1990).

Os resultados se fazem presentes na redação textual da tese, em tabelas, mapas e fotografias focadas nos critérios selecionados em visitas pessoais in loco ao longo dos anos em que os projetos foram sendo implementados e modificados. Acredita-se que o registro destas transformações e da maneira como usuários interagem com os espaços possa ser um relevante testemunho na história da urbanização e legado do Parque Olímpico para o Rio de Janeiro. Adicionalmente, a análise com base nestes critérios também é aplicada comparativamente para o Parque Olímpico de Londres e outros dois grandes projetos urbanos de escala semelhante estudados pessoalmente em Copenhagen – Ørestad e Nordhavnen -, entre os anos de 2016-2019, compilada na Tabela 1.

Legado Rio 2020 na Barra da Tijuca

Em virtude de um grande cenário de crise econômica após os Jogos 2016, a urbanização de legado do Parque foi suspensa. Em janeiro de 2019, em entrevista à Rio Mais, informou-se que a mesma estudava o mercado atualmente para avaliar a melhor estratégia para lançar algum empreendimento no local. Assim, o legado imediato dos Jogos não pode ser analisado pela concretização do masterplan de legado, mas sim pela utilização dos espaços do parque durante um curto período: aberto em 2017 ao público, em parte gerido pela Autoridade de Governança do Legado Olímpico (AGLO), autarquia temporária federal vinculada ao então Ministério do Esporte, em parte pela prefeitura do Rio de Janeiro, o parque encontra-se atualmente fechado, após dissolução da AGLO em junho de 2019 e muitas incertezas quanto à continuidade de contratos e iniciativas de apoio ao esporte que vinham acontecendo no local (ver, por exemplo, GABRIEL, 2019). O parque foi visitado em diferentes momentos após sua abertura, em maio e agosto de 2017 e janeiro de

2019, demonstrando um potencial ainda subvalorizado de seus espaços para sua consolidação em centro de treinamento de alto rendimento e área de lazer aos habitantes, muito em parte pela ausência de um paisagismo voltado a seu uso no modo legado (promovendo sombreamento, interesse visual, locais para atividades espontâneas e de convívio, etc.) e pelo distanciamento em relação à população, havendo muito pouca apropriação de uma memória coletiva daquele ambiente. Reforça-se, neste ponto, o baixo grau de envolvimento da população permitido nos planos iniciais para o parque, desde seu projeto até sua implementação.

Questiona-se, ainda, como os planos para ocupação dos lotes pela Rio Mais – do tamanho de quadras de outros bairros como Copacabana – aproximam-se de uma ideia de cidade que promova espaços de uso misto, democráticos, diversos e vibrantes – diferentemente do modelo de condomínios fechados e complexos isolados de torres construído desde a concepção da Barra como eixo de crescimento da cidade, seguindo um plano funcionalista de 1967 por Lúcio Costa. Os parâmetros legais urbanísticos para a área permitem formas urbanas bastante diversas para os terrenos com um mesmo coeficiente de aproveitamento, o que, sem um plano local de desenho urbano detalhado que estude os resultados morfológicos e tipológicos desejados à criação de urbanidade no local (tal qual elaborado para os projetos de urbanização do Parque Olímpico de Londres e dos projetos urbanos de Ørestad e Nordhavnen, em Copenhagen), podem promover ambiências e atmosferas urbanas completamente estanques ao nível da rua, impactando negativamente na relação entre ambiente construído e usuários.

Apesar do masterplan de legado dialogar com a prática contemporânea de Desenho Urbano, e da profusão de diversas teorias a respeito de cidades para pessoas, sustentáveis, compactas e mais dinâmicas, a Vila dos Atletas, construída para os Jogos de 2016 também pela Carvalho Hosken e Odebrecht, representa a epítome de um pensamento datado e segregacionista de urbano e cidade. Localizada próximo ao Parque Olímpico, é um complexo de 31 torres de 17 andares, estritamente residenciais. Entre elas, um parque linear se estende pelo terreno, propagado a princípio como um parque público, porém localizado atrás de grades e portões faraônicos, escondido da população pela grande

Grande Projeto Urbano	Participação da população	Metodologia de seleção dos projetos de desenho urbano	Relação com estado da arte das teorias urbanísticas	Relação com a cidade / "legado" urbano	Relação entre poder público e privado
Ørestad	consultas públicas sobre o resultado dos projetos vencedores do concurso antes da elaboração de masterplan final (exibição pública dos projetos 1995); encontros com a população para explicar as propostas	concurso arquitetônico para o masterplan da área (1994); concursos variados para Ørestad Common (2016), novo masterplan para Ørestad South (2014), Royal Arena (2012), dentre outros edifícios nos diferentes distritos.	utilização de conceitos de mobilidade verde (transporte público norteador do desenvolvimento; ciclovias); blocos perimetrais (porém em grande escala); alterações correntes na área visam adensar seus diferentes bairros.	importante área de expansão da cidade, com novas possibilidades formais e de espaços de lazer; relação com o bairro de Amager não é tão evidente a partir da faixa central para sul, sendo estas mais relacionadas à área de preservação Kalvebod Commons. Edifícios de grande escala são urbanidades em si mesmas, como a 8-House, do BIG, ao sul de Ørestad. Importante conexão estratégica do bairro com o canal de Øresund e a Suécia.	terras inicialmente pertencentes ao Município de Copenhagen e ao Governo Federal (fundando empresa joint venture Ørestadsselskabet). A renda obtida com a venda dos terrenos financiou o metrô. Atualmente venda de terrenos administrada pela Copenhagen City & Port Development Corporation.
Nordhavnen	reuniões do City Council e Policy Committee abertas ao público. 2010 - audiência pública sobre o Local Plan de Nordhavnen, desenvolvido entre 2009 e 2010. Páginas online da City & Port Development Corporation encorajando contato da população com sugestões e dúvidas, por e-mail, inclusive por meio de rede social de Nordhavnen. workshops e audiências públicas. Visitas guiadas promovidas pela City & Port Development Corporation a partir de 2014.	concurso internacional de ideias (2008) para o masterplan de Nordhavnen. 3 equipes escolhidas como primeiro lugar. A partir de 2009, proposta aperfeiçoada junto à Prefeitura de Copenhagen e à CPH City & Port.	6 pilares na proposta aperfeiçoada com o poder público: 1) ilhotas e canais; 2) identidade e história; 3) smart grid; 4) cidade azul e verde; 5) minute city; 6) cidade "CO2-friendly". 5 diretrizes principais do masterplan para Nordhavnen: 1) distrito compacto; 2) distrito sustentável; 3) distrito com frente de água; 4) distrito ativo e 5) distrito com contrastes. Encorajam-se usos mistos, fachadas ativas, mobilidade verde (transporte público - nova linha de metrô; ciclovias; caminhabilidade). em Innernordhavnen, especificamente, gabaritos mais baixos (3 a 6 pav), bloco perimetral, 3 variações de altura na mesma quadra (dinamismo e iluminação dos pátios internos), coeficiente de aproveitamento de 1,8, lotes escalonados, criação de pequenas praças e promenades à beira-mar.	importante área de expansão em região desindustrializada da cidade; objetivo de reintegrar tais espaços ao tecido urbano da cidade, com novos usos e funções. Separação de Østerbro evidente, pela diferença nas construções e grande avenida e linha do trem. diretrizes buscam criar uma imagem sólida para Nordhavnen como bairro moderno e atraente a novos investimentos, porém mantendo características de desenho urbano que consagraram Copenhagen como cidade sustentável (mantém edifícios históricos de interesse, uniformidade nos tons/materiais de edifícios, criação de praças de diferentes tamanhos em diferentes pontos do tecido urbano, etc.)	"Port of Copenhagen, Ltd" juntou-se à "Ørestad Development Corporation I/S", formando a Copenhagen City & Port Development Corporation, em outubro de 2007, atual responsável pelo gerenciamento do porto e projetos de desenvolvimento urbano antes encabeçados pelas outras duas companhias. Esta empresa atualmente administra a venda dos terrenos também em Nordhavnen, para empresas privadas.
Parque Olímpico Londres 2012	diferentes níveis para diferentes projetos; exposições de projetos, reuniões com a população; audiências públicas durante o processo do masterplan do Parque Olímpico. Além de mecanismos de participação, destaca-se a transparência nos documentos relativos aos projetos em andamento para o parque, disponíveis no portal online Planning Register da LLDC, acessível publicamente com todos os Design and Access Statement dos projetos. UCL East teve grande pesquisa com a população antes do masterplan (a ser elaborado pela apontada LDA Design) para gerar input e alinhar conceitos do projeto às demandas/desejos das pessoas; Stratford Waterfront teve várias consultas públicas após o projeto vencedor do concurso ser escolhido para desenvolvimento do masterplan; International Quarter - Lend Lease trabalhou com escolas locais. No entanto, questões envolvendo bairros adjacentes, como Carpenters Estate não foram bem resolvidas.	2003: consórcio apontado como consultor para desenvolver uma solicitação de planejamento (planning application) para a candidatura de Londres aos Jogos 2012; 2008 London Development Agency nomeia equipe para desenvolver uma diretriz para o masterplan de legado (LMF), que seria revisada em 2010, dando origem ao LCS e aos atuais novos bairros. Concurso arquitetônico para Stratford Waterfront (Olympicopolis). Projeto de UCL East - escritório apontado pela LLDC em 2015 para desenvolver o masterplan.	criação de parque verde (um dos maiores da cidade), bem como de novos bairros urbanos dentro do parque. Projeto de paisagismo encorajou o uso do parque para diferentes funções, tanto no modo Jogos quanto legado, criando perspectivas através do relevo formado, espaços de permanência e caminhos. nos bairros, cada um deverá ter um caráter próprio, mas predominam estratégias típicas do desenho urbano tradicional europeu, como blocos perimetrais, gabaritos baixos-médios (até 12 pavimentos na vila olímpica). Uso misto, mobilidade verde (caminhabilidade e proximidade ao transporte público), escala humana, fachadas ativas, variedade, relação edifícios com elementos naturais pré-existentis (ex. Here East Canalside e áreas de várzeas recuperadas em East Village).	utilização de tipologias típicas da cidade inglesa, como "maisonettes", "terraced houses" (geminadas), além de bloco perimetral. Ideia de costurar East London com novos bairros, ancorados por infraestrutura de transporte (extensão "Jubilee line" do metrô anterior aos planos olímpicos, além da criação da Stratford International Station e utilização do DLR - Docklands Light Railway). integração do parque com áreas do entorno, como Hackney Wick ainda deficitária, visto o caráter bastante distinto entre novos empreendimentos e bairros adjacentes antigos. Linhas de trem entre Stratford e o Parque Olímpico tornam a integração difícil, porém o shopping Westfield cumpre um papel central neste sentido, exercendo bem a função, com amplas pontes de acesso e caminhos a céu aberto entre a estação de Stratford (metrô) e a Stratford International. A regeneração "Stratford City" foi crucial para o sucesso do Parque Olímpico. Ligação entre os bairros dentro do parque ainda a ser observada, visto ainda estar em processo de desenvolvimento e conclusão.	Olympic Delivery Authority (ODA) substituída pela London Legacy Development Corporation (LLDC) funcionando como uma Local Planning Authority para toda a área do Parque Olímpico e seus empreendimentos urbanos. LLDC detém terras no parque, vendidas para cada empreendedor (Chobham Manor, por exemplo, terras vendidas para a Taylor Wimpey e London & Quadrant, com cláusula para retenção de porcentagem das vendas dos imóveis pela LLDC). No caso do International Quarter, parceria público-privada entre a Lend Lease e a London Continental Railways (empresa pública detentora das terras). crítica na época em relação a East Village - investimentos públicos para a construção dos imóveis, que foram posteriormente vendidos pelo governo em dois momentos a duas joint ventures, responsáveis pela manutenção e administração das unidades a longo prazo: Triathlon Homes e Delancey/Qatari Diar Property Development.
Parque Olímpico Rio 2016	ausência de processos de participação popular pré-elaboração do masterplan (não houve consultas públicas como forma de input para o concurso do masterplan) ou posterior; questão problemática envolvendo a Vila Autódromo	concurso arquitetônico para o masterplan da área. Projetos individuais das arenas contratados por licitação. Futuros projetos de empreendimentos na área a serem definidos pelo consórcio.	parque olímpico planejado para grandes fluxos, porém como um parque de áreas impermeáveis, ao invés de parque natural. Isso minou bastante sua utilização posterior, pela ausência de sombreamento e atrativos ao longo dos espaços públicos, atualmente restritos à Via Olímpica e ao deck margeando a lagoa. Legado urbanístico - masterplan propunha edifícios em bloco perimetral e grande densidade. Novo bairro planejado dentro da ideia de poliocentrismo, sendo uma área de uso misto, live-and-work, com acesso a transporte público (consolidado pelos BRTs). Grandes arenas rodeadas por vastos espaços vazios, sem previsão de adensamento; estruturas temporárias para criação de empreendimentos em terrenos mais valorizados.	localizado em uma península na Lagoa de Jacarepaguá; cria um reduto fechado, que poderá ser desenvolvido de maneira interessante ao utilizar conceitos de bom desenho urbano (ou sustentável) difundidos por teóricos e práticos contemporâneos. Relação com a cidade ainda deficitária; acesso por BRT e conexões, porém tempo de deslocamento ainda alto para pessoas que não moram na região. Relação formal com os edifícios pré-existentis da Barra da Tijuca (grandes condomínios fechados verticais com várias torres) ainda a ser definida, por contraste ou extensão das mesmas estratégias.	terras públicas cedidas ao consórcio vencedor da licitação para construção do masterplan oriundo do concurso (modo Jogos) como contraprestação pecuniária. Poder privado com alto grau de influência em decisões ao longo do processo, como mudança de gabaritos em zoneamento, posição de arenas. Atual gestão do parque dividida entre a Autoridade de Governança do Legado Olímpico (AGLO - Ministério do Esporte, administra algumas arenas), a prefeitura (mantém a Via Olímpica e Arena Carioca 3), e a Rio Mais (consórcio vencedor, agora detentor dos terrenos para desenvolvimento urbano imobiliário)

Tabela 1. Análise de grandes projetos urbanos europeus em relação ao Parque Olímpico do Rio de Janeiro em termos de critérios relativos ao Desenho Urbano como processo. Reduzida de SANCHEZ, 2019, p.370.

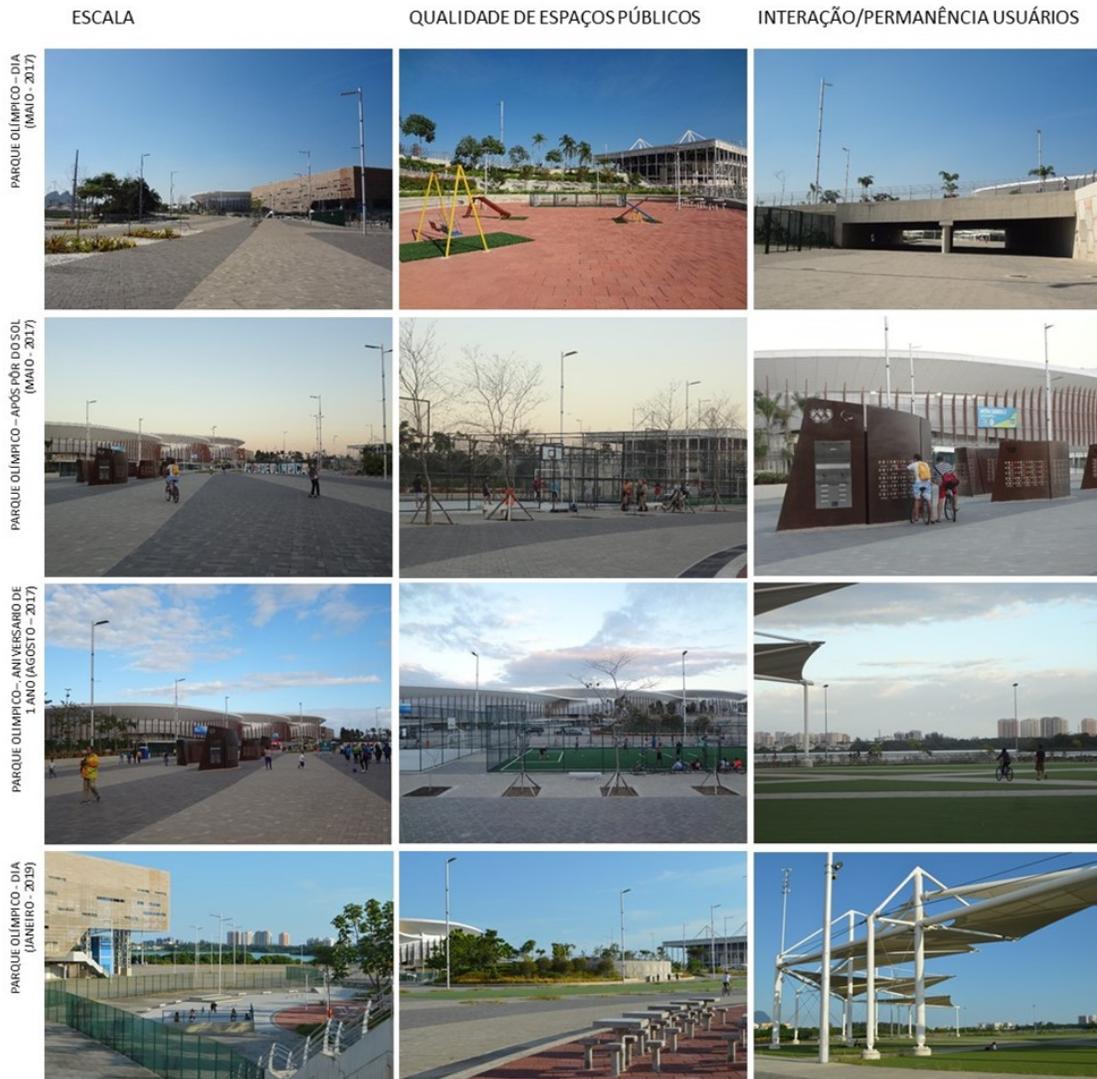


Figura 1. Análise dos espaços do Parque Olímpico entre 2017 e 2019 com base nos critérios de Desenho Urbano elencados. Fonte: Autora, 2019.

massa dos edifícios construídos. Com mais de 3600 unidades de apartamentos voltados ao mercado de classe média-alta, o complexo representa um grande estoque ocioso, que enfrenta ainda a dificuldade de competir com qualquer empreendimento a ser lançado no Parque Olímpico, dado serem as mesmas construtoras as responsáveis pelo

desenvolvimento de ambas as áreas. Próximo dali, o Parque dos Atletas remanesce como espaço abandonado e vazio urbano, após anos de subutilização e potencial perdido, até maio de 2020, quando, em virtude da urgência e excepcionalidade trazida pela pandemia do coronavírus, foi inaugurado um hospital de campanha – paradoxo de sua condição.

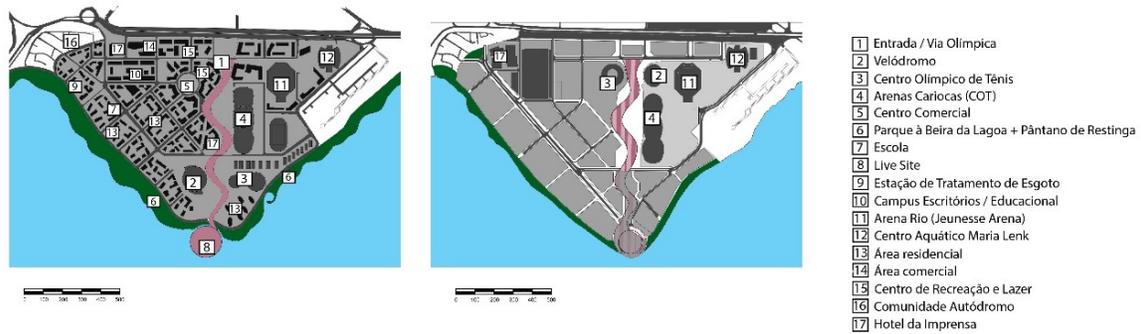


Figura 2. Projeto Aprovado de Loteamento (à direita) e urbanização proposta pelo masterplan vencedor (à esquerda).
Fonte: Autora, 2019.



Figura 3. Ilha Pura (antes, Vila dos Atletas) no Rio de Janeiro. Evidenciam-se a escala dos edifícios e desconexão com o entorno. Originalmente publicada em SANCHEZ, 2019, p.347.



Figura 4. Parque do complexo Ilha Pura. Ampos espaços de lazer a princípio propagados como públicos, restritos a moradores ainda inexistentes Fonte: Autora, janeiro 2019.

Considerações Finais

Ressalta-se que a oportunidade de as Olimpíadas gerarem um legado duradouro e uma revisão crítica do significado de urbano para a Barra da Tijuca e cidade do Rio de Janeiro ainda não se concretizou. Entretanto, há que se admitir o pouco tempo para análises definitivas – faz apenas 3 anos desde os Jogos. Infelizmente, a urgência esperada por habitantes não corresponde à máquina burocrática por trás das transformações de legado, ainda mais quando um plano bem fundamentado para tal não fora traçado desde o início do planejamento olímpico. Assim, apontam-se como problemáticos os seguintes itens: a falta de continuidade dos planos; os desafios em se criar um bairro inteiro “do zero”, por meio de um parceria público privada composta das mesmas empresas nos dois principais desenvolvimentos urbanísticos do região (a Vila Olímpica e o Parque Olímpico); a escolha de estratégias de

desenho urbano e urbanismo ultrapassadas e desalinhadas às discussões disciplinares no cenário contemporâneo internacional ocidental, favorecendo a criação de complexos murados e desconectados da cidade – Vila Olímpica -, e bairros com lotes do tamanho de quadras – Parque Olímpico -, que tornam difícil uma ocupação compacta, variada e dinâmica; o inexpressivo envolvimento da população com os planos para o parque – seja por meio de consultas, workshops, ou mesmo a ampla divulgação de eventos, programas sociais, projetos e planos para seu modo legado -; a necessidade de atrair fluxos, por meio não só de empreendimentos do poder privado, geralmente restritos em prédios comerciais e residenciais, mas também de instituições e órgãos públicos, para gerar um uso misto abrangente, tal qual feito em parques olímpicos de sucesso, como Londres 2012.

Por último, resta a importância que o Desenho Urbano – tanto como processo, em termos de participação popular, governança, etc., quanto como prática, forma urbana – tem na consolidação de um exemplo original em relação ao contexto urbano nacional, que por tantos anos se acostumou a cidades muradas e desiguais, consideradas como inevitáveis. Afinal, pelas condições físicas e formais construídas, o Desenho Urbano gera possibilidades de interação social, permanência e fruição dos espaços urbanos que, se projetados para a cidade, terão muito mais chances de se integrar à vida cotidiana que se projetados para o megaevento. E, apesar de tal constatação não ser nova, já sendo aplicada em outras cidades-sedes anteriores, o Rio de Janeiro ainda precisa implementá-la na concretização do modo legado no Parque Olímpico e Vila Olímpica, em especial, por meio de tipologias, morfologias, espaços públicos e privados que gerem fricção social no térreo, interesse e atratividade econômica, possibilidades de lazer e qualidade de vida aos usuários.

Referências

- CASTELLS, M. The Process of Urban Social Change. In: CUTHBERT, A. R. *Designing Cities: Critical Readings in Urban Design*. UK: Wiley-Blackwell Blackwell, 1 ed. 2003.
- CUTHBERT, A. R. (ed.) *Designing Cities: Critical Readings in Urban Design*. Blackwell Publishing, 2003
- DEL RIO, V. *Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.
- GABRIEL, J. Com órgão ameaçado, Parque Olímpico do Rio deve ficar sem 'dono'. *Folha de São Paulo*. 28/06/2019. 2019
- GEHL, J.; SVARRE, B. *How to Study Public Life*. Washington: Island Press, 2013.
- KRIEGER, A. Introduction: An Urban Frame of Mind. In: KRIEGER, A.; SAUNDERS, W. (eds.) *Urban Design*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2009 pp.vii-xix
- LEFEBVRE, H. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro Editora, 2011. 5ª edição, 3ª reimpressão.
- MARSHALL, R. The Elusiveness of Urban Design: The Perpetual Problem of Definition and Role. In: KRIEGER, A.; SAUNDERS, W. (eds.) *Urban Design*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2009. Pp.38-60
- SANCHEZ, R. L. O. *Desenhando o Urbano: O Legado das Olimpíadas Rio 2016 na Barra da Tijuca*. (Tese). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2019.